



Guardião de Imagens: “Memórias Fotográficas” e a Relação de Pertencimento de um Pioneiro com Londrina¹

Paulo César Boni²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Maria Luisa Hoffmann³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A partir de lembranças individuais de um pioneiro de Londrina (PR), Omeletino Benatto, este estudo visa contribuir com a discussão sobre memória, identidade e pertencimento. Para tanto, são selecionadas três imagens da época da colonização descritas textual e oralmente pelo pioneiro, sob a ideia da fotografia como “gatilho disparador da memória” e com o apoio da técnica da história oral. Essas imagens e descrições apontam para uma relação de pertencimento do entrevistado com o lugar, onde ele identifica-se, orienta-se e habita. Para a análise são abordados os conceitos de lugar, de Augé (1994), topofilia, de Tuan (1980) e considerações de autores como Schutz, Lynch, Kossoy e Le Goff, sobre história, fotografia, cidade e memória.

PALAVRAS-CHAVE: História de Londrina (PR); Fotografia e memória; Gatilho da memória; Lugar de Pertencimento.

INTRODUÇÃO

No registro imagético, a relação entre os signos e os significados não é pré-estabelecida. Os códigos, abertos e contínuos, possibilitam que cada leitor tenha sua própria interpretação da imagem e, por se tratar de uma representação, o registro é impregnado por ideologias e pelo olhar do fotógrafo.

Assim, a fotografia carrega muitos sentidos e deve ser utilizada de modo criterioso em trabalhos científicos. Neste trabalho, a imagem fotográfica é utilizada como detonadora da memória e instrumento para identificar as relações do sujeito com o lugar. A antropologia, suas denominações e conceitos são utilizados para dar

¹ Trabalho apresentado no GP de Fotografia, XI Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professor e coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br.

³ Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Comunicação pela mesma Instituição. Doutoranda pela Universidade de São Paulo. Bolsista da Capes. E-mail: maluhoffmann@usp.br.



consistência às análises das relações do sujeito com a imagem da cidade, assim como as obras que a relacionam com a memória e a identidade.

Ao olhar uma fotografia de época, o indivíduo não vê apenas o lugar fotografado. Uma série de outros dados lhe vem à mente, informações que se desencadeiam na memória, relações com o que foi fotografado e circunstâncias vivenciadas. Detalhes significativos que em entrevistas, ou em descrições escritas, poderiam não ser lembrados.

Para a análise, um pioneiro de Londrina foi selecionado. Omeletino Benatto chegou em 1934, ano da instalação do município. Participou ativamente da vida social da cidade e mantém uma relação íntima com imagens da época da colonização (décadas de 30 e 40), conservando uma série de álbuns e matérias sobre o período. Nesse material, ele faz descrições escritas das imagens, algumas delas utilizadas durante as entrevistas deste trabalho. Atualmente, Londrina tem mais de 510 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴.

Considerando que a vivência no lugar e a preservação da memória são fundamentais na consolidação da identidade, este trabalho visa, por meio de fotografias, identificar e analisar a relação desse pioneiro com Londrina. As técnicas da história oral e da fotografia como gatilho da memória serão utilizadas para obter novas informações sobre as imagens selecionadas.

O objetivo central, de caráter antropológico, é discutir como o sentimento de pertencimento ao lugar se evidencia por um meio, por uma ferramenta da comunicação, que pode ser utilizada dentro da proposta metodológica do “gatilho da memória” e como a narrativa se organiza em função da imagem.

1. FOTOGRAFIA, CULTURA E MEMÓRIA

Fotografia é memória e com ela se confunde (KOSSOY, 2005, p. 40). A memória, por sua vez, é indispensável para a formação da identidade. “[...] A identidade é imprescindível para uma nação conhecer seu passado, entender o presente e planejar o futuro” (BONI, 2009, p. 9-10). Dessa maneira, recuperar o passado é uma garantia de dar um sentido para o presente.

⁴ IBGE. **Censo Demográfico 2009**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf. 2009. Acesso em: 10 ago. 2010.



Existe uma relação de interdependência entre a cultura e a memória de determinado povo. A cultura, para perpetuar-se, precisa ser transmitida por meio das memórias, e esse processo de transmissão de histórias e da experiência pode ser tido como um costume na convivência do grupo, como um modo de preparar os indivíduos para o futuro. “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1996, p. 477).

Apesar de ser um processo carregado de imprecisões, reconstruções e distorções, e apesar de, ainda hoje, gerar uma série de polêmicas, a memória é utilizada atualmente como instrumento para recuperação histórica.

1.1. A HISTÓRIA ORAL

O testemunho oral daqueles que vivenciaram os fatos, começou a ser reconhecido em meados do século XX no meio acadêmico, e uma de suas razões é a presença do passado no presente imediato das pessoas. Por meio dele, é possível esclarecer dúvidas, comprovar evidências únicas, verificar discrepâncias entre fontes e fazer conferências. A memória individual narrativa deve ser encarada como uma construção, uma seleção de impressões e acontecimentos.

Neste trabalho, as entrevistas não tiveram roteiro elaborado. O entrevistado teve liberdade para expressar suas percepções com o intermédio de fotografias de seu acervo, coletadas em livros, matérias jornalísticas e obtidas com outros pioneiros da época.

1.2. GATILHO DISPARADOR DA MEMÓRIA

A proposta metodológica da imagem fotográfica como “gatilho disparador da memória”, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Londrina, sugere que fotografias sejam utilizadas e apresentadas durante as entrevistas, para que novas lembranças venham à memória do entrevistado.

Pretende-se sistematizar a proposta como um novo método para a área da comunicação. Ao mesmo tempo em que a imagem traz à tona lembranças, o entrevistado reorganiza suas memórias e sua narrativa em função delas. A fotografia é valorizada como instrumento de pesquisa e como documento de importância histórica.

É importante observar também que a fotografia auxilia na recuperação de parte da história, já que trata daquilo que foi “visível” na cidade. As relações de associação se desenvolvem na mente e na memória do entrevistado, fazendo com que ele, ao mesmo tempo, revise e reflita sobre suas recordações, fazendo delas experiências.

1.3. FOTOGRAFIA, CIDADE E MEMÓRIA

Ao longo da história, as fotografias urbanas retrataram a vida da cidade, seu crescimento e sua arquitetura. Em alguns casos, os fotógrafos eram contratados pelo poder público e as imagens eram feitas sob encomenda, para obtenção de registros de obras contratadas. “Essas imagens têm tido hoje, não apenas seu valor documental, mas também o artístico, reconhecidos” (CARVALHO; WOLFF, In: FABRIS, 1998, p. 154).

Em Londrina, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), empresa inglesa que colonizou a região, contratava fotógrafos com o intuito de produzir imagens que, divulgadas em outros lugares, atrairiam novos compradores e moradores. Dessa maneira, as fotografias das primeiras décadas da cidade retratavam as árvores majestosas, a qualidade do solo, as primeiras construções, a infraestrutura como hospitais, mercados, pontes, linha férrea e outras. Imagens capazes de seduzir e atrair.

A fotografia se transformou em importante mídia de publicidade. Em um panfleto da CTNP, datado de 5 de abril de 1936, constava que a média de construção de casas em Londrina era de 75 por mês. Esse tipo de informação aliada à imagem da terra fértil passava a impressão de se tratar de uma região próspera. A empresa produzia álbuns distribuídos entre seus agenciadores, que viajavam a procura de compradores. Centenas dessas imagens, produzidas com intuito comercial, são mantidas no acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, registros que auxiliam pesquisadores e pioneiros a revisitar a história.

2. FOTOGRAFIA: FERRAMENTA DE ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS

Nesta análise, são abordados os conceitos antropológicos de lugar e não-lugar, trabalhados por Augé (1994). Na acepção da antropologia, o lugar é tido como um local de pertencimento, onde o sujeito se reconhece, tem enraizamento e vivência. Em oposição, o não-lugar é o local onde o sujeito não se reconhece, ou não se identifica; são locais de passagem, impessoais. O lugar se define por uma estabilidade entre identidade e relação. “Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento” (AUGÉ, 1994, p. 53). A cidade e sua arquitetura podem criar espaços que geram no sujeito sentimento e relações de afeto.

Tuan (1983, p. 6) distingue os conceitos de espaço e lugar, quando afirma que o espaço é mais abstrato, e o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. “O espaço não é uma idéia, mas um conjunto complexo de idéias [...] o lugar é um espaço estruturado”



(TUAN, 1983, p. 211). Ou seja, o lugar é constituído a partir da experiência que temos do mundo e as ideias de lugar e espaço não podem ser definidas uma sem a outra.

O espaço é amplo, desconhecido, temido; o lugar é recortado afetivamente, emerge da experiência, é um "mundo ordenado e com significado" (TUAN, 1983, p. 65). Humanizado, o lugar pode ser o lar, a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência, identidade, estabilidade e segurança. O espaço é transformado em lugar nas experiências cotidianas e é carregado de valores simbólicos.

A identidade e a relação com o ambiente são questões centrais dos dispositivos espaciais estudados pela antropologia. “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional nem como histórico definirá um não-lugar” (AUGÉ, 1994, p. 73).

Já o termo habitar pode referir-se às relações do homem com o lugar, um local de pertencimento. “Habitar pressupõe, antes de tudo, uma *identificação* com o ambiente. Embora orientação e identificação sejam aspectos de uma relação total, esses fatores mantêm certa independência no interior da mesma totalidade” (SCHULZ, 2006, p. 456, grifo do autor). Ao orientar-se, o homem deve ser capaz de saber onde está, enquanto identificar-se implica em saber como está em determinado lugar.

Ao apresentar-se, um indivíduo diz “sou brasileiro”, ou “sou paulista”, o que aponta para a relação da sua identidade com o lugar de pertencimento. “A identidade humana pressupõe a identidade do lugar” (SCHULZ, 2006, p. 457). O ambiente é portador de significado, e a identidade das pessoas se desenvolve, de certa maneira, em função dos lugares.

3. RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, PERCEPÇÃO E CIDADE

A realidade é fruto da experiência, criação de pensamento e sentimento do sujeito. Já a percepção é o processo mental de interação do homem com o seu ambiente. Os estímulos são apreendidos pelos sentidos e processados pelo cérebro, num processo cognitivo.

As informações processadas e a percepção funcionam de modo cíclico, em um processo de retroalimentação de experiências, permitindo obter novas informações que podem influenciar vivências futuras. Os filtros sociais e culturais, por sua vez, são apreendidos pelas experiências, vivências e convivências. São frutos das relações de um grupo em determinado lugar, e muitas vezes, indivíduos do mesmo grupo, compartilham



as mesmas percepções, pois tiveram experiências semelhantes. Porém, o modo como essas percepções serão processadas na mente será diferente para cada um deles.

Elementos como pontos referenciais estão diretamente ligados à capacidade de ir e vir do sujeito em sua cidade. Grande quantidade de pontos e informações fazem com que a identificação e a escolha de caminhos se tornem mais fáceis ao longo do tempo.

Já o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico é denominado topofilia, que seria uma aparente simpatia com o mundo vivenciado, e pode ser descrita como sentimento positivo pelo ambiente, que faz o indivíduo senti-lo e experimentá-lo com prazer. Tuan (1980, p. 106-114), descreve topofilia como sendo a “compreensão de todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”, sendo que a consciência do passado é um elemento importante no desenvolvimento do amor pelo lugar.

Kevin Lynch (1997, p. 12-13) trabalha a percepção da cidade relacionada à conduta e à identidade. Ele se baseia em três conceitos para isso: o da *legibilidade* – medido pela facilidade com a qual os “locais” são reconhecidos – o da *imageabilidade* – qualidade que define se um objeto físico tem maior probabilidade de ser percebido – e, por último, o conceito da *identidade, estrutura e significado*, que permite ao observador primeiro: a identificação do objeto físico; segundo: a compreensão de sua estrutura e/ou localização espacial e, por fim, o desenvolvimento de uma significação prática ou emocional com o espaço.

A imageabilidade é a característica, num objeto físico, que lhe confere alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador, facilitando a criação de imagens mentais identificáveis. Qualquer exposição visual contribui para intensificar a imagem da cidade, seja uma grande ponte, uma rua ou avenida.

Assim como a ideia de nação perpassa a formação da identidade, socialmente e culturalmente construída, e apesar do “afrouxamento” das identificações da cultura nacional, a percepção dos lugares de vivência influenciam os processos identitários. Cada pessoa produz uma série de associações com algumas partes de sua cidade, e a imagem de cada uma está impregnada de lembranças e significados. Os habitantes não são meros observadores, mas sim “parte” do lugar, e uma boa imagem do ambiente lhes oferecem um importante sentimento de segurança emocional.

Com essa segurança, o sujeito pode estabelecer uma relação harmoniosa com o mundo à sua volta, em oposição ao medo da desorientação, que pode ser gerado pelo excesso de mudanças e significados ou pela falta de mudança e ausência de

significados. Além disso, pontos referenciais e ícones podem suscitar memórias por sua importância para a cidade e seus cidadãos. No dia a dia, grandes construções, prédios significativos como hospitais e escolas, monumentos ou cruzamentos importantes servem como pontos de identificação de um trajeto ou percurso.

4. OMELETINO BENATTO E LONDRINA: HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM

Omeletino Benatto chegou a Londrina com quatro anos de idade, em 1934, oito meses antes da cidade ser emancipada. Vivenciou a inauguração de estabelecimentos e a vida em comunidade. Para este estudo, foram selecionadas três imagens coletadas e descritas textualmente pelo pioneiro e realizadas duas entrevistas⁵, nas quais se solicitava que ele falasse mais sobre os lugares e as pessoas retratadas.

Para facilitar a compreensão das informações contidas nos depoimentos, muitas vezes relacionadas a acontecimentos familiares, faz-se necessário um panorama sobre o entrevistado. Ele passou por várias escolas primárias, mas não completou os estudos. Em 1938 foi pegador de bolas num campo de tênis, local onde hoje está situada a Biblioteca Pública Municipal. Aos dez anos, conseguiu seu primeiro emprego na agência Chevrolet e, em um ano, obteve registro em carteira. Trabalhou trinta anos nesta empresa, da qual chegou a ser acionista. Atualmente, é tesoureiro da Santa Casa de Londrina, e participa da mesa administrativa do hospital desde 1988. Mora, até hoje, na casa construída por seu pai, no final da década de 30, na região central de Londrina.

5. RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

Na narrativa do sujeito, o cotidiano ganha forma de linguagem e as imagens traduzem formas de ser e viver. As histórias são revisitadas e as imagens fotográficas fixam um espaço-tempo de vida e de trabalho. A narração articula a memória ao ato de lembrar e torna comunicável a experiência, permitindo também a reflexão sobre o acontecimento descrito. As fotografias do passado evocam e transmitem recordações dos acontecimentos que merecem ser conservados porque retêm do seu passado as confirmações da unidade presente (BOURDIEU *apud* LE GOFF, 1996).

Para facilitar o reconhecimento das informações referentes às imagens, quando a citação fizer referência às descrições dos escritos de Omeletino Benatto será assinalada como “descrição escrita”. Em depoimentos orais, o pioneiro acrescentou informações

⁵ Foram realizadas, no total, seis entrevistas com o pioneiro. Em duas delas, ele foi abordado com o auxílio da imagem fotográfica. Nas demais, foram levantados dados sobre a biografia e a história da família.

relevantes sobre o que estava fotografado, rememoradas por meio de elementos presentes na imagem. Quando as citações fizerem referência a esses depoimentos, serão marcadas com o termo “entrevista”.

O primeiro ponto a ser destacado foi a afirmação do entrevistado de que possui uma “memória fotográfica”, ou seja, a lembrança que tem como base um meio. “Agradeço a Deus pelo fato de dar-me uma lembrança fotográfica, pois o que os meus olhos veem, quase nunca esqueço” (BENATTO, 2010)⁶. A explicação, segundo Leite (In: SAMAIN, 2005, p. 35) é que a memória não filma, fotografa, e os indivíduos guardam fotografias mentais dos acontecimentos, e não movimentos contínuos.

Na figura 1, o entrevistado detalha, em uma fotografia panorâmica de Londrina, a localização e descreve os moradores das construções registradas.

Descrição escrita:

Na foto uma imagem do centro de Londrina no ano de 1938 ou 1939. Os pontos assinalados mostram: 1) a residência de Antônio Benatto de 1933 a 1941, na rua Minas Gerais [atual Souza Naves] com Piauí; 2) campo ou quadra de tênis dos funcionários da Companhia; 3) Escola Alemã - nesse local fui aluno e aprendi umas poucas palavras em alemão, que não sei mais, a não ser contar em alemão de 1 a 10. No mesmo local onde hoje está a Escola Estadual Evaristo da Veiga na rua Goiás com a rua Mato Grosso; 4) na pequena casa de madeira funcionava a delegacia de polícia do delegado “tenente Pimpão” aquele que mandava dar “sal amargo” aos presos e banho no rio Tibagi, assunto muito conhecido na época e ainda lembro até hoje.

Ele parece querer situar o interlocutor da localização dos lugares fotografados e citados, considerando de grande importância a lembrança dos nomes, dos sentidos das ruas e utilizando pontos de referência para informar o que funciona no local atualmente. Os pontos de referências fazem com que a identificação e a escolha de caminhos se tornem mais fáceis, e para que a cidade seja um lugar, é necessário que o sujeito crie relações com o ambiente e com seus significados.

Quando a mesma imagem foi apresentada na entrevista, novas recordações foram detalhadas, ou seja, em diferentes momentos, a mesma fotografia pode evocar diferentes lembranças. Com a imagem em mãos, ele falou sobre os elementos fotografados.

Entrevista:

Você olhando do alto da igreja primitiva em madeira, que hoje tem uma réplica no pátio da universidade. Nessa parte aqui, aqui era a [avenida] Rio de Janeiro, aqui era o correio, mais ou menos aqui está a Casa da Criança, onde hoje é a

⁶ Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 21 de julho de 2010.

Secretaria da Cultura. Esse aqui é a casinha do campo de tênis [assinalado em vermelho], essa aqui é a quadra de tênis. Tinha um tapume de um lado, tapume do outro, onde a bola batia e não ia para o pátio (BENATTO, 2010).⁷

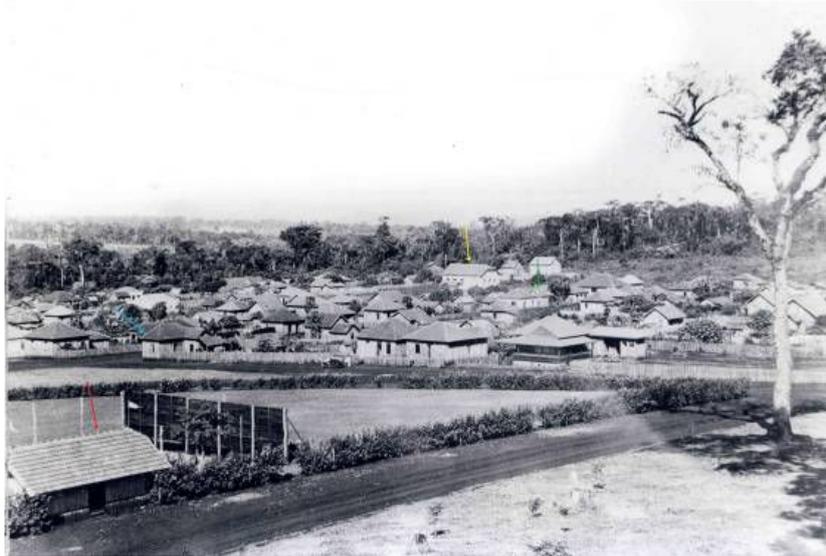


FIGURA 1 - Imagem da cidade de Londrina
FOTOGRAFIA: José Juliani, data desconhecida
FONTE: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Quando criança, o entrevistado trabalhou como pegador de bolas na quadra de tênis que cita na entrevista. Talvez por isso, a estrutura esteja tão clara em suas lembranças. Sua memória apreendeu aquilo que para ele tem significado, e as lembranças de hoje são permeadas por relações com o fato e com o lugar vivenciado, ao qual foi conferido importância. Existe uma ligação entre o trabalho e o lugar de pertencimento, já que esse é local de vivência, onde o sujeito se reconhece. É também no trabalho, e por isso no local do trabalho, que na velhice, ele reconhece sua história.

Continuação entrevista:

Aqui, essa casa foi mandada construir pelo engenheiro agrônomo Ulisses Medeiros, aqui morou a família de pernambucanos da Dona Regina e aqui a família seu Henrique Davi dos Santos. Ele desativou essa casa como residência dele em 37 e foi morar na Viação Velha, num sítio. Essa aqui é a casa que eu morei [quando veio para Londrina, assinalada em azul], aqui em frente é o edifício Karan. Aqui era a escola alemã [assinalado em amarelo] e aqui mais tarde morou o Dr. Ulisses Medeiros, que foi para Paranavaí. Aqui morava a família Paglia [assinalado em verde], onde mais ou menos é o Hotel Coroados, foto do José Juliani (BENATTO, 2010).⁸

As expressões “essa aqui”, “aqui, essa casa”, “aqui em frente” apontam que o registro fotográfico facilita a lembrança de lugares e traz à mente a imagem da cidade

⁷ Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 23 de junho de 2010.

⁸ Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 23 de junho de 2010.

de antigamente. O sentido de localização, a sensação de identificação com o ambiente e a sintonia gerada faz com que o ser humano pense: “estou aqui”, “vou para lá”, e um pressupõe a existência do outro.

Ao se mover, ou mesmo refazer um caminho mentalmente, o sujeito “vivencia” o espaço e os pontos referenciais o ajudam a reconhecer onde está e para onde vai. “Nosso mecanismo perceptivo é tão adaptável que cada grupo humano consegue distinguir as partes de sua paisagem, perceber e conferir significado aos detalhes” (LYNCH, 1997, p. 151). A relação entre a cidade, seus cenários imaginários e a arquitetura, traduz-se então na criação de espaços com os quais é possível construir uma memória afetiva, pois, nesse caso, fazem ressaltar aos olhos detalhes significativos do passado. Em suas descrições, o entrevistado aponta para a existência de laços de pertencimento com Londrina e o consequente sentimento de topofilia.

Em seu texto, referente à figura 2, ele começa a descrição indicando o possível ano e o local do acontecimento fotografado, a rua e o número. Nessa rua, atual avenida Souza Naves, ele ainda vive com as irmãs Oulinda e Oulevantina.

Descrição escrita:

Ano de 1940 ou 1941, rua Minas Gerais 1377, casa em construção da família do Sr. João Antônio Benatto e da Sra. Josephina Lourenção Benatto e filhos. Projeto do Sr. Odilon Borges de Carvalho que foi prefeito interino de Londrina. O construtor foi o Sr. Antônio de Souza Coelho. No monte de areia, o Sr. João Antônio Benatto pode ser observado. Hoje, é nossa atual casa, pois a mesma ainda existe. No projeto original ela tinha um alpendre nos três lados: norte, frente e sul.

Novamente a história oral, com o apoio do registro imagético, instigou o entrevistado a contar histórias e recordações de família que não havia mencionado na descrição escrita. Além disso, mostrou a forte relação do pioneiro com sua casa. Com a fotografia em mãos, ele acrescentou particularidades de sua família à descrição da imagem.

Entrevista:

Bem, essa é a casa que eu vivo até hoje. Essa é a minha casa, esse é meu pai [assinalado em vermelho], e os homens que estão colocando a telha em cima. Então o folclore aqui é o seguinte: os carpinteiros sempre que faziam uma casa de madeira ou sei lá o quê, quando ia cobrir, o dono sempre pagava uma cervejada, sei lá, uma caixa de cerveja e cerveja vinha em sacos com as capas chamadas polaina de capim, de trigo, não sei, ou então em caixa de madeira. Então você vê que não tem mato nenhum (em cima da casa) então quando o dono vai cobrir a casa e não pagava a cervejada, alguns dos pedreiros e

carpinteiros colocavam um galho em cima da casa. E quem passava na rua falava ‘puxa, esse proprietário não pagou a cervejada’. Era uma chateação, então eles deixavam o galho lá em cima antes de colocar a telha, cimento e reboque uma semana ou duas semanas e o dono ficava morrendo de vergonha porque não tinha pagado a cervejada. Então eles deixavam o galho secar e chamavam de ‘pão duro’. O galho ficava duro, ficava seco. No caso do meu, aí não aconteceu porque ele pagou logo a cervejada. Porque ele não queria ser relacionado. Muito trabalhador, não queria ver o galho seco em cima da casa (BENATTO, 2010).⁹



FIGURA 2 - Construção da casa da família Benatto
FOTOGRAFIA: Autor e data desconhecidos
FONTE: Álbum da família Benatto

Assim como sua relação com a cidade é permeada por experiências particulares, a relação com a casa é ainda mais forte, permeada por memórias familiares. E as fotografias da família, assim como as da construção da casa, são uma espécie de patrimônio simbólico, que asseguram a coesão, pertencimento, identidade e referência. As fotografias apresentam a memória familiar e permitem uma leitura da cultura da época, assim como de seus comportamentos.

Habitar pressupõe uma identificação com o ambiente e a ideia está associada ao local onde a vida acontece. A família Benatto, de fato, habita a casa na atual avenida Souza Naves, local que suscita memórias familiares e a sua própria história. O habitar não se refere simplesmente ao fato de se possuir uma residência, mas traduz-se no modo como o homem constrói o mundo que o circunda.

⁹ Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 21 de julho de 2010.

No plano simbólico, o lugar liga-se a significação de um sentido social, enquanto no plano real, concreto, o lugar relaciona-se com o estabelecimento de um local onde o homem passa a existir. O lugar existe quando proporciona ou favorece experiências humanas significativas, o que requer uma relação com a natureza, com as suas origens e com sua memória.

A facilidade de reconhecer-se e identificar-se geram o sentimento de pertencimento ao lugar, e assim como as pessoas podem desenvolver amor pelo lugar, a topofilia, o espaço da experiência tem o poder de invocar memórias.

Na figura 3, vista da avenida Paraná, o pioneiro fez a seguinte descrição escrita:

Aqui é mostrado um trecho da avenida Paraná [assinalado em vermelho], hoje calçadão, entre a esquina da avenida São Paulo [assinalada em verde] e lá mais para o fim, as avenidas Rio de Janeiro [assinalada em azul]. O primeiro casarão foi a agência do Banco do Brasil. Seguindo as casas comerciais, Farmácia Maria Isabel, Sorveteria Curitiba, Relojoaria Antônio Calderaro, Farmácia do Sr. Hilário Chafer, Casa Castro e Casas Pernambucanas, do lado direito da avenida Paraná, onde hoje é a praça Floriano Peixoto. O ano não sei exato, mas era antes de 1940, talvez 1938 ou 1939.

O pioneiro não lembra com exatidão a data da imagem, mas recorda os pontos comerciais da época percorrendo seu “mapa mental”. Os mapas mentais são criações da mente com base em informações recebidas por mecanismos perceptivos e cognitivos, em um processo de interação do indivíduo com o ambiente que ocorre de acordo com o interesse e a necessidade. O sujeito estrutura e organiza a interface entre a realidade e o mundo, selecionando informações recebidas, armazenando e conferindo significado.

Os mapas mentais devem ser vistos como formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos do ambiente. São representações espaciais relacionadas a características do mundo real, reproduzindo lugares materiais, mas construídos pelo imaginário do sujeito. Essas imagens, denominadas a princípio de mapas cognitivos, foram “desvendados” a partir da década de 60, e Lynch foi um dos pioneiros a associar a percepção do “meio”, ao comportamento e ação humana. Segundo o autor (LYNCH, 1997), cada pessoa apreende determinados fatores com relação ao espaço e sua experiência de vida, e o mundo percebido e apreendido provoca a construção mental.

O entrevistado aponta a possível data da imagem ao identificar os postes de eletricidade, inaugurados em 1937, e ao constatar que o jardim montado em 1942 não está presente. Para ele, as informações visuais indicam que a fotografia foi tomada entre 1937 e 1942. Por meio dos elementos fotografados, busca situar a fotografia

temporalmente. Porém, a eletricidade foi inaugurada em 1938 nesse trecho. Ele não demonstra preocupação com as datas, ao contrário das localizações, que descreve com detalhes e exatidão.

Entrevista:

Aqui nessa esquina onde está meu dedo, é a avenida São Paulo, aqui desse lado hoje tem o Banco do Brasil. Isso foi mais ou menos depois do ano de 37, porque já tinha luz elétrica. Então aqui você está vendo o calçadão da Casa Bolívar de sapatos em direção ao Cine Ouro Verde. Essa aqui é a avenida Paraná, o calçadão. Mais para frente era a Casas Pernambucanas. Vou aqui contar pra você, mas o que passou, passou. Meu pai, caminhoneiro, fornecia tijolos telhas, areia, carretos. Quando a Casas Pernambucanas construiu essa ala pra baixo e essa ala pra cima, ele forneceu material para a obra. Quando então o empreiteiro começou a não pagar os fornecedores empregados e tal, e meu pai tomou um prejuízo de 45 contos de reis. Pra você ter uma ideia o que era esse dinheiro, em 39 ele comprou essas duas datas [atual casa na rua Souza Naves] por 4 contos e 500. O prejuízo dele aqui foi de 45 contos de reis, dez vezes mais. (BENATTO, 2010).¹⁰

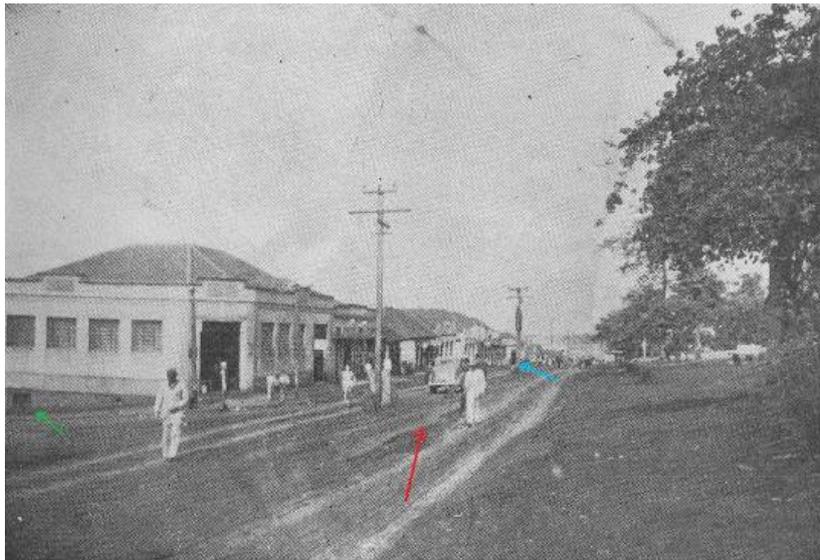


FIGURA 3 - Vista da avenida Paraná

FOTOGRAFIA: Autor e data desconhecidos

FONTE: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Para explicar o valor do prejuízo de seu pai, ele usa a comparação do valor do terreno comprado na época, onde fica sua casa. A imagem faz com que ele recorde acontecimentos familiares relacionados à cidade. É interessante notar que as narrativas se organizam em função da imagem, seguindo a ordem dos objetos ou dos locais

¹⁰ Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 23 de junho de 2010.

fotografados. Em outros depoimentos, o entrevistado identificou também personagens, moradores, a localização de casas e costumes da época.

No processo de rememoração, a imagem fotográfica permite associações, nas quais o sujeito repensa sua própria história. As descrições e depoimentos orais de Omeletino Benatto apontam para a existência do sentimento de pertencimento, do fazer parte e do ser participante. A emoção ao revisitar locais e fatos que envolvem o trabalho, amigos e familiares deixam claro seus fortes laços afetivos com Londrina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Omeletino Benatto mantém fotografias da colonização de Londrina em um livro pessoal com descrições escritas. Em muitas dessas imagens, coletadas em livros, matérias jornalísticas ou com outros pioneiros, a história da cidade se confunde com sua própria história e de sua família, que chegou à Londrina em 25 de abril de 1934.

Esse trabalho reforça o papel da fotografia como fonte para recuperação histórica. Por meio dessas imagens, que fixam um espaço-tempo de vida e de trabalho, o entrevistado revisita histórias e as relaciona aos lugares e às pessoas de sua convivência. Recorda fatos, tradições e certos conteúdos de seu passado individual e coletivo.

Considerando o lugar como um ambiente onde o sujeito se reconhece e reconhece sua história, a cidade de Londrina pode ser considerada lugar de pertencimento para o pioneiro, pelo qual ele desenvolve o sentimento de topofilia. Ele parece querer situar o interlocutor da localização dos lugares fotografados, considerando de grande importância a lembrança dos nomes das ruas e utilizando pontos de referência para informar onde fica ou o que funciona no local atualmente.

O ambiente conhecido e sua estrutura espacial facilitam a orientação, mas nos relatos, é necessário que sejam constituídos pontos concretos de identificação, como igrejas, museus e lojas comerciais. Ao se mover, ou mesmo refazer um caminho mentalmente em uma explicação (percorrer os mapas mentais), o sujeito “vivencia” o espaço e os pontos referenciais o ajudam a reconhecer onde está e para onde vai.

Para Omeletino Benatto, Londrina é o lugar onde a vida acontece, e, na medida em que ele se sente autor dos fatos narrados nos depoimentos, acredita ter ação participativa na comunidade e na história da cidade. Ele pertence ao lugar, e o lugar pertence a ele, podendo interferir em sua rotina.

Foi possível verificar que as fotografias acrescentaram novos dados aos depoimentos e enriqueceram as entrevistas. O pioneiro, mais do que utilizar a imagem



para recuperar lembranças, organiza sua narrativa a partir dos elementos fotografados e deixa transparecer em seu discurso o afeto pelo lugar de pertencimento. Dessa maneira, a fotografia se fortalece como instrumento de pesquisa, para estudos da antropologia visual e para a recuperação e preservação da memória.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).
- BONI, Paulo César. [Editorial]. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.5, n.7, p.9-10, jul./ago. 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de; WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Arquitetura e fotografia no século XIX. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998. p.131-172.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2.ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p.39-45.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2.ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p.33-38.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SCHULZ, Christian Norberg. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p.441-461.
- TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores no meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

PESQUISA DOCUMENTAL

BENATTO, Omeletino. Londrina: 21 jul. 2010. Entrevista concedida à pesquisadora na residência do entrevistado. (69'43'"): gravação em áudio.

_____. Londrina: 23 jun. 2010. Entrevista concedida à pesquisadora na residência do entrevistado. (78'50'"): gravação em áudio.

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA PADRE CARLOS WEISS. **Acervo fotográfico**: Londrina, 2010. 16 fotografias.